



Elevar o crescimento a longo prazo na América Latina e no Caribe: Uma questão de complexidade

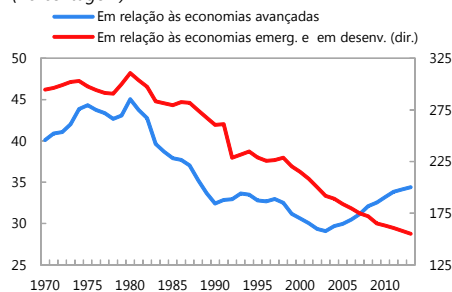
Fabiano Rodrigues Bastos e Ke Wang

3 de junho de 2015

O crescimento na América Latina e no Caribe vem sofrendo uma desaceleração significativa nos últimos anos. Parte dessa desaceleração aparenta ser permanente, como apontam as mais recentes projeções de médio prazo feitas pelo FMI. Infelizmente essa história parece bem familiar, considerando as históricas dificuldades da região para melhorar seu desempenho comparativo em termos de crescimento.

Sem contar a “década de ouro” de 2003–11, período em que a alta dos preços das commodities impulsionou uma forte expansão econômica, por que a região não tem sido capaz de sustentar taxas de crescimento elevadas o suficiente para recuperar o atraso em relação às economias mais avançadas? Parte da resposta está no êxito modesto da América Latina em diversificar sua produção para incluir bens mais intensivos em conhecimento — ou complexos.

Figura 1. América Latina e Caribe: PIB per capita relativo¹
(Porcentagem)



Fontes: FMI, *World Economic Outlook* e cálculos do corpo técnico.
¹ Coeficiente do PIB nominal (dólares PPC) per capita da América Latina e do Caribe em relação ao das economias avançadas e economias emergentes e em desenvolvimento.

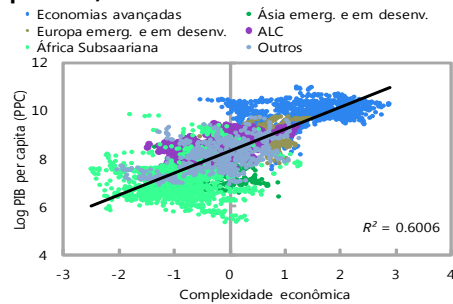
Um fator complexo

Em um [estudo](#) recente, Ricardo Hausmann e Cesar Hidalgo introduziram o conceito de complexidade econômica como um fator determinante do crescimento e desenvolvimento a longo prazo. O conceito busca medir o conhecimento produtivo de um país a partir da variedade e sofisticação dos bens exportados. Economias mais complexas tendem a exportar uma variedade maior de produtos, e esses produtos tendem a ser mais intensivos em conhecimento. Dada a dependência considerável da América Latina em relação às exportações de commodities, é tentador concluir que a falta de diversificação e complexidade constitui um importante obstáculo ao crescimento.

O que os dados nos dizem sobre este argumento? A região é mesmo menos complexa do que as outras? Quão grandes são as desvantagens associadas à menor complexidade? E o que se pode fazer a respeito? Analisamos essas questões na mais recente edição de nosso relatório sobre as [perspectivas econômicas regionais](#).

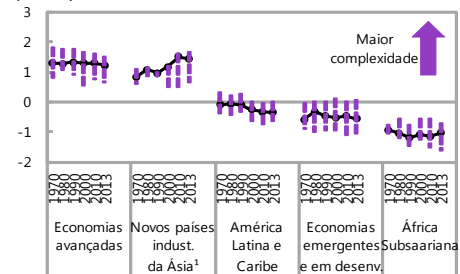
Economias mais complexas têm, em média, níveis mais elevados de renda per capita, o que é consistente com o argumento de Hausmann. Os dados mostram também que a América Latina e o Caribe são muito menos complexos do que as economias avançadas ou as novas economias industrializadas da Ásia, que representam exemplos bem sucedidos de crescimento econômico nas últimas décadas. Nota-se também que os níveis de complexidade têm estagnado ou mesmo recuado na América Latina e no Caribe desde 1970, ainda que a região não pareça estar em pior situação do que o grupo mais amplo de economias emergentes.

Figura 2. Complexidade econômica e PIB per capita, excluídos os países ricos em petróleo, 1970-2010¹



Fontes: FMI (2014b); Hausman *et al.* (2013); Penn World Tables 8.0; FMI *World Economic Outlook* e cálculos do corpo técnico.
Nota: Amostra de 137 países cujas exportações totais somam no mínimo US\$ 1 bilhão. ALC = América Latina e Caribe.
¹ Inclui apenas países cujas exportações de petróleo como porcentagem do PIB são inferiores a 10%.

Figura 3. Índice de complexidade econômica em grupos de países (Índice)



Fontes: FMI (2014b); Hausmann, Hidalgo *et al.* (2014); FMI, *World Economic Outlook* e cálculos do corpo técnico.
Nota: Inclui apenas países cujas exportações de bens foram superiores a US\$ 1 bilhão em 2013. Mediana, 25º e 75º percentis das médias de cinco anos do índice de complexidade econômica.
¹ Inclui Hong Kong RAE, Coreia, Cingapura e província chinesa de Taiwan.

Previsão do crescimento

Os dados sobre complexidade apenas refletem os níveis atuais de prosperidade ou podem também indicar algo sobre as futuras tendências de crescimento? Um [estudo](#) de Hausmann e seus coautores sugere que a complexidade de fato ajuda a prever o crescimento a longo prazo do PIB per capita. Nós retomamos essas questões, considerando diversas extensões econométricas e utilizando dados de um painel de mais de 100 países entre 1970 e 2010. Nossos resultados confirmam a importância da complexidade como preditor do crescimento a longo prazo, juntamente com outras variáveis relevantes, como demografia, exportação de matérias primas e indicadores de estabilidade macroeconômica.

Utilizamos então os resultados dessas estimações para aferir implicações quantitativas para os diferentes países na América Latina e no Caribe. Diferentes níveis de complexidade na região podem explicar divergências de quase um ponto percentual no crescimento anual per capita. Assim, se excluirmos os demais determinantes do crescimento, as economias mais complexas da região (como o México e o Brasil) crescem a cada ano um ponto percentual mais rápido do que as menos complexas.

Contudo, os dividendos da complexidade em termos de crescimento podem ser neutralizados por outras variáveis. Por exemplo, cada ano de instabilidade macroeconômica pode reduzir o crescimento acumulado do PIB per capita em 2 pontos percentuais ao longo de uma década. Maiores taxas de dependência também reduzem o crescimento de forma significativa, o que chama atenção para as tendências demográficas da região nas próximas décadas.

Implicações de políticas

Quais são as implicações de políticas de nossos resultados e de outros estudos sobre o tema para a América Latina e o Caribe?

- A complexidade é importante para o crescimento a longo prazo, mas aumentá-la não é suficiente. Em especial, as autoridades precisam também manter o foco na estabilidade macroeconômica.
- Reformas estruturais devem permanecer uma prioridade na região. A América Latina e o Caribe continuam defasados em diversas áreas estreitamente associadas à complexidade econômica (infraestrutura, educação e abertura do mercado). Progressos mais robustos nessas áreas representam a forma mais natural de apoiar o aumento da complexidade e do crescimento.
- Enquanto isso, deve-se tratar com cautela o novo impulso às políticas ativas de desenvolvimento. O debate sobre novas abordagens estratégicas nessa área é salutar, mas ainda é preciso compreender de forma mais sistemática os custos e riscos associados a tais políticas antes de expandi-las. As experiências anteriores com políticas industriais na região servem de alerta, sobretudo para os países em que a governança e a qualidade institucional permanecem deficientes.
- Ainda assim, os dados sobre a complexidade econômica podem ajudar os países a compreender melhor suas vantagens comparativas e a avaliar o potencial de expansão do conhecimento produtivo em cada caso. Pode-se, por exemplo, utilizar os dados para fundamentar negociações comerciais e de investimento e, assim, melhor alavancar a base de conhecimentos do país em questão.

Em suma, a complexidade parece ser um dos principais determinantes do crescimento econômico a longo prazo, bem como uma lente útil para analisar o desenvolvimento da capacidade produtiva dos países.



Fabiano Rodrigues Bastos é economista da Divisão de Estudos Regionais do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, tendo passado também pelo Departamento de África do FMI. Anteriormente, trabalhou no Banco Interamericano de Desenvolvimento, Banco Mundial e Banco da Inglaterra. Doutorou-se pela Universidade de Maryland.



Ke Wang é economista da Divisão do Caribe I do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, tendo trabalhado anteriormente no Departamento de Estratégia, Políticas e Avaliação e no Departamento de África do FMI, bem como no Departamento do Leste Asiático e do Pacífico do Banco Mundial. O foco de suas pesquisas são a economia internacional, a teoria monetária e o desenvolvimento. É doutoranda em Economia pela American University.